



Etnografia urbana co-implicada no contexto português

Rita Cachado 

Investigadora integrada, Iscte, CIES-IUL; Professora auxiliar convidada no Departamento de Métodos de Pesquisa Social, Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Iscte-IUL. Lisboa, Portugal

Email: rita.cachado@iscte-iul.pt

Resumo

As dinâmicas urbanas têm sido estudadas por pesquisadores de várias ciências sociais que escolhem uma abordagem etnográfica como forma de descrever e analisar as práticas urbanas mais diversas. Entre os temas mais clássicos, as migrações, a pobreza e a moradia nunca deixaram de imperar no cardápio das perguntas de pesquisa sobre as cidades.

Em resultado de uma pesquisa centrada na colheita e análise de trajetórias profissionais de etnógrafos e etnógrafas urbanas em Portugal, este artigo está focado num dos aspetos que sobressaem, justamente, dessas trajetórias – o facto de terem algum nível de ativismo, por vezes forte, outras vezes mais subjetivo, na área de estudo escolhida, o que é evidente há décadas no contexto brasileiro e sul-americano. No contexto português, as práticas de etnografia urbana vivem atualmente uma intensa interação com a antropologia urbana praticada no Brasil e a co-implicação parece resultar de contextos sociopolíticos recentes.

Palavras-chave: Etnografia Urbana; Multidisciplinaridade; Engajamento Académico; Co-implicação; Portugal.

Co-implicated Urban Ethnography in the Portuguese context

Abstract

Urban Dynamics has been studied by researchers from social sciences. Often, they choose an ethnographic approach as a way of describing and analyzing the diversity of urban practices. Among classical topics, migration, poverty, housing, these topics have never stopped from being key research questions for those who do research about the cities.

Resulting from a work centered in collecting and analyzing professional trajectories of urban ethnographers in Portugal, this article is focused on one of the aspects that became clear from those trajectories - the fact that these researchers are somehow activists in their area of studies. Sometimes this is a strong feature in their professional lives, while for others, it is a subjective feature. This situation is evident in the context of Brazil and South America from ages, but in the Portuguese context, which is in straight connection with Urban Anthropology in Brazil, co-implication seems to be more recent.

Keywords: Urban Ethnography; Multidisciplinarity; Academic Engagement; Co-implication; Portugal.

Começando por onde estou¹

O título desta introdução parafraseia uma expressão metodológica de John e Lyn Lofland (1995), que chamam de “Starting where you are” o primeiro capítulo do livro sobre como realizar pesquisa qualitativa com observação participante, destacando que, ao escolher uma pergunta de pesquisa e um campo, é importante refletir sobre a relação entre o tema escolhido e nossos interesses ou até mesmo nossa biografia. Os autores ilustram isso com uma tabela sugestiva, dividida em três colunas. Na primeira, o nome do autor; na última, o título de seu livro mais emblemático; e, na coluna central, a expressão “começando onde ele ou ela estava” (“Starting where he or she was”, no original, Lofland & Lofland, 1995: 12). Ao ler a tabela, entendemos melhor de onde surgiu a ideia ou qual o contexto ao redor de cada autor que o levou a realizar determinada pesquisa.

Ao me reposicionar na perspectiva do “começando por onde estou”, decidi mudar o meu foco da pesquisa. Depois de anos de pesquisa de doutorado e de pós-doutorado sobre, essencialmente, moradia, migrações e transnacionalidade, escolhi como sujeitos de pesquisa um grupo de pessoas que são os e as minhas colegas de trabalho, ou seja, aqueles que desenvolvem as suas pesquisas etnográficas em contextos urbanos no cenário da pesquisa portuguesa, majoritariamente centrada em Lisboa. As razões para esse reposicionamento e mudança das temáticas de pesquisa, buscando, neste caso, colaborar para a história da Etnografia Urbana, estavam ligadas à necessidade de realizar trabalho de campo em uma situação onde não houvesse problemas relacionados à linguagem, já que meus interlocutores falam português e todos utilizam a Etnografia Urbana nos seus trabalhos, com temas diversos.

Diferente do exemplo de Nigel Barley (1996 [1983]), que ainda faz muitos antropólogos rirem com suas dificuldades em se fazer compreender e em compreender seus interlocutores, eu realizo a pesquisa dentro do meu próprio contexto social.

Embora a comunicação pela mesma língua não garanta tudo o que é essencial na relação etnográfica (Velho, 1978: 125), onde a comunicação não verbal tem um papel importante (Pina-Cabral, 2013), a comunicação verbal entre pares estava garantida. Contudo, existe um conjunto de desafios ao se escolher pesquisar assuntos e sujeitos de pesquisa que nos são familiares. Proximidade, mais do que distanciamento, exige uma reflexão sobre até que ponto estamos diante uma autoetnografia.

A autoetnografia tem sido uma área em amplo desenvolvimento nos últimos anos. De acordo com Reed-Danahay, o termo tem um duplo significado, “(...) etnografia no próprio grupo ou escrita autobiográfica com um propósito etnográfico. (...)” (Reed-Danahay, 1997). No caso do trabalho que fundamenta este artigo, trata-se do primeiro caso, a realização de uma etnografia dentro do próprio grupo. Ellis e Bochner (2000) veem na autoetnografia e nas pesquisas que a utilizam, uma condição para a reflexividade. Em termos simples, quem faz autoetnografia não pode deixar de manter a atenção reflexiva. Mas o mesmo pode ser dito para outras formas de praticar a etnografia. Paul Atkinson (2006),

¹ Agradeço a Graça Cordeiro e a Heitor Frúgoli Jr., organizadores do painel “O desafio do urbano: interseções, resistências, utopias”, agradeço a possibilidade de apresentar uma primeira versão desse trabalho no VIII Congresso da Associação Portuguesa de Antropologia, em Setembro de 2022, na Universidade de Évora. Agradeço ainda a quem fez a revisão deste artigo para a Ponto Urbe, agradeço pelos comentários construtivos e sugestões úteis para redigir essa versão final e para o aprofundamento do debate. Finalmente, aos meus colegas e amigos que aceitaram colaborar na minha pesquisa, agradeço muito, em especial aos que aceitaram serem retratados nessa publicação.

Esta pesquisa foi apoiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), através de financiamento ao CIES, ISCTE-IUL (4, 5 e 6 artº 23 DL57/2016 29/Ago, Lei 57/2017 19/Jul).

por sua vez, desdramatiza, dizendo que “The ethnographer’s identity and the subject matter of her or his chosen research site(s) have long been implicated in one another. (...)” (Atkinson, 2006: 401). Ou seja, não há nada muito novo na autoetnografia nem no fato de ser necessário refletir sobre questões de proximidade, quando elas existem.

A familiaridade e proximidade são características do meu trabalho. Além de colegas, uma parte das pessoas fazem parte também do meu círculo de amizades. Em Antropologia, sabemos bem que a familiaridade precisa de distanciamento, sendo necessário, nos casos de grande proximidade, encontrar os pontos de distância (Velho, 1978: 131) para melhor inquirir, tentar compreender o mundo em análise. Finalmente, diante dessa realidade tão próxima, os tipos de coleta etnográfica serão os mesmos que desenvolvi no passado para abordar outras temáticas? Mais uma vez, é Gilberto Velho quem auxilia na discussão desse ponto. Duas ideias contidas na citação a seguir ressoam no meu trabalho: por um lado, o fato de meus colegas poderem discordar das minhas interpretações e, por outro, a necessidade de criar distanciamento, para poder proceder a uma análise.

“(...) ao estudar o que está próximo, a sua própria sociedade, o antropólogo expõe-se, com maior ou menor intensidade, a um confronto com outros especialistas, com leigos e até, em certos casos, com representantes dos universos de que foram investigadores, que podem discordar das interpretações do investigador. (...) O processo de estranhar o *familiar* torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fatos, situações. (...)” (Velho, 1978: 131 [itálicos seus]).

A nuance relativa ao potencial de discordância nas interpretações tem sido central no meu trabalho com colegas etnógrafos urbanos: os roteiros de entrevista que elaborei incorporam uma mini-reflexão sobre isso mesmo. Ou seja, ao realizar as entrevistas, faço questão de mencionar que, mesmo que a pessoa autorize o uso de seu nome nos resultados da pesquisa, seu nome poderá ser anonimizado caso haja dúvidas sobre se a minha interpretação das suas palavras fará sentido para ela. Claro que nossos interlocutores não precisam concordar com toda a análise científica, pois esta é uma interpretação da realidade estudada, com base em um quadro teórico e metodológico específico. Mesmo que esse quadro (ou parte dele) seja partilhado com os interlocutores, apenas o próprio ou a própria pesquisadora é responsável por essas interpretações. Em resumo, em um primeiro nível, destaco que a análise realizada para este artigo, ainda que levando em conta a concordância dos meus interlocutores em compartilhar interpretações sobre parte de suas escolhas, é de minha responsabilidade.²

Por outro lado, a nuance que ainda quero destacar é sobre a forma de indagar. Ao entrevistar colegas de trabalho, estamos constantemente nos confrontando com visões próximas ou distanciadas da nossa forma de trabalhar. Até que ponto deverei mencionar isso nas entrevistas? No momento das entrevistas, me vi comentando que aquilo que me relatavam também ocorria no meu caso ou no caso de outras pessoas entrevistadas para o mesmo propósito, sem citar quem. Mas este “sem citar quem” se torna confuso quando se trata de relações de proximidade. Para a pessoa entrevistada, soa estranho não mencionar exatamente quem se posicionou de uma forma ou de outra. As pessoas com quem converso nas entrevistas são também colegas de trabalho entre si. Percebi ainda que em algumas entrevistas me perguntavam, “então quem vai te entrevistar?” É neste ponto que termina a autoetnografia, ou seja, se

² Tipicamente deixadas para notas de rodapé, considero importante que esta reflexão suja no texto principal do artigo, uma vez que ele tem um público necessariamente informado sobre os debates metodológicos inerentes à etnografia urbana; partilhá-la é um imperativo relativamente a potenciais leitores/as desta revista.

meu trabalho pode ser inserido na categoria de autoetnografia, ele não é, neste caso, uma autoetnografia biográfica. Ela se detém apenas nas trajetórias de outras pessoas.

No entanto, a justificativa para o meu posicionamento não está fechada na delimitação da autoetnografia. Ao escolher este objeto de estudo, a etnografia urbana, também me preocupava em ter um “lugar de fala”, ainda que esta expressão seja utilizada com mais propriedade em outros temas. Garantida de certa forma a parceria epistêmica, para tomar de empréstimo uma expressão de Marcus tão bem analisada por Teresa Caldeira (2021: 32), era importante sentir que poderia tecer interpretações não só embasadas no trabalho de campo e na fala de meus interlocutores, mas, por estar próxima e por fazer parte do mesmo grupo, poderia, mais do que noutros contextos em que o distanciamento é maior, falar sobre o assunto.

Com uma entrada em força nos debates pós-coloniais ou que incluem discussão pós-colonial, a expressão “lugar de fala” tornou-se frequente na antropologia atual, após longos anos de reposicionamento, no sentido de assumir que seus problemas históricos envolvem a percepção, sobretudo por parte dos antropólogos e antropólogas formados nos centros universitários do chamado “ocidente”, de que as relações de confiança alcançadas no campo muitas vezes sofriam de um problema de hierarquia entre a produção científica e as realidades sociais estudadas.

A antropologia, apesar de tudo, está numa posição privilegiada para realizar essa reflexão e, além de produzir elementos úteis para o reposicionamento disciplinar e epistemológico, tem conseguido, nos últimos anos, gerar conhecimento a partir dos contextos de opressão de uma forma inédita. Mulheres, pessoas racializadas, pessoas oprimidas quanto ao gênero e à orientação sexual têm acessado cada vez mais as universidades e contribuído para o desenvolvimento da disciplina, promovendo uma constante desconstrução dos cânones e redefinição conceptual.³

A expressão “lugar de fala” alcançou o status de conceito no Brasil. A conceitualização do lugar de fala surge, simplificando muito, nas análises sobre processos de visibilização de populações e lutas sem voz, ou cuja voz tem sido transmitida por pessoas em posições privilegiadas, como ocorre com frequência no meio acadêmico. Surge contemporaneamente a uma discussão pós-colonial feita não só a partir de um lugar de privilégio, mas especialmente a partir de vozes que finalmente estão acessando o meio acadêmico. Ao expandir o conceito, o lugar de fala se refere à existência ou não de legitimidade de um dado posicionamento, sendo um desses exemplos mais marcantes na literatura a legitimação do lugar de fala nas questões de gênero (por exemplo Fontana, 2018) ou associando gênero e negritude, justamente na literatura acadêmica, ou seja, trazendo para o referencial teórico a produção científica de mulheres negras (como em Freitas, 2019 sobre Ribeiro, 2017).

Sem pretender usurpar esse uso de luta e de visibilidade e retornando à tentativa de explicar epistemologicamente a razão pela qual decidi realizar minha pesquisa entre “iguais”, procuro não estabelecer desigualdade de posicionamentos entre acadêmico e sujeitos de estudo. Não defendo, contudo, que sempre devemos realizar nossas pesquisas em torno do grupo social do qual fazemos parte. O distanciamento e a proximidade, mesmo com as contribuições do lugar de fala e dos debates pós-coloniais, seguem com suas vantagens e desvantagens em qualquer abordagem etnográfica (Velho, 1978; Todorov, 1988; Delamont et al., 2010). Em suma, decidi nesta pesquisa que meu “lugar de fala”, com todas as aspas, é na Etnografia Urbana, entrando no terreno seguro e, ao mesmo tempo, escorregadio da proximidade.

³ No contexto universitário português, contudo, e apesar da forte presença negra em termos demográficos no país há muitas décadas, os e as estudantes negras e racializadas raramente chegam a lugares de docência.

Após apresentação da discussão epistemológica que fundamenta esta pesquisa, resta apontar o principal objetivo deste artigo: contribuir para aprofundar o conhecimento sobre as trajetórias profissionais de cientistas sociais e humanos que fazem etnografia em contextos urbanos. O interesse científico que vejo nesta pesquisa é, acima de tudo, teórico-metodológico. A vasta literatura da etnografia urbana aponta para a problemática da interdisciplinaridade e de multidisciplinaridade. Tem sido uma constante identificar projetos e leituras que recorrem à interdisciplinaridade (Cachado, 2020).

A história internacional da Antropologia e da Sociologia urbanas remete para uma abordagem que combina as duas disciplinas; de fato, no contexto português que será explorado aqui, a Antropologia Urbana é uma área que se desenvolveu por meio de uma constante convocação de várias disciplinas (Cachado, 2022: 133), tanto ao nível dos praticantes, como no nível dos referenciais teóricos. Como já obsevou Graça Cordeiro, participante neste estudo e pioneira da Etnografia Urbana em Portugal, a Antropologia Urbana não é uma especialização da Antropologia, mas uma ciência interdisciplinar (Frúgoli et al., 2014: 468). Ela é multidisciplinar e pluridisciplinar no sentido de convocar aspetos teóricos de várias disciplinas, mas é também interdisciplinar no sentido metodológico, ou seja, é uma metodologia convocada por diversas ciências sociais. Dito de outra forma, existem muitas pesquisas sobre e nas cidades, que escolhem a etnografia como metodologia empírica, independentemente da raiz disciplinar do pesquisador.

É importante referir, por fim, que a publicação na *Revista Ponto Urbe* não é por acaso. A conexão entre a produção acadêmica na área da Etnografia Urbana em Portugal e no Brasil tem sido constante nas últimas décadas. A concentração deste trabalho no contexto português busca aproximar essa produção da pesquisa brasileira. Muito mais plural devido à enorme escala do Brasil quando comparado com o contexto acadêmico português, encontramos, como veremos, pontos de contacto justamente no investimento dos pesquisadores em pesquisas engajadas.

Recolhas empíricas numa pesquisa entre pares

A abordagem metodológica central que elegi foi a coleta de entrevistas de trajetória profissional. Percebi rapidamente que seria desafiador fazer uma etnografia que implicasse observação participante sobre etnografia urbana em Portugal. Como mencionado anteriormente, uma parte substancial das pessoas com quem eu precisaria conversar são minhas amigas, e a inscrição de detalhes do dia-a-dia acadêmico em um diário, embora certamente útil (como defendi noutra lugar, Cachado, 2021), me pareceu estranha. As entrevistas, ao contrário, me permitiriam, ao nível das competências profissionais, aprofundar o conhecimento metodológico sobre a coleta de entrevistas e seus formatos diferenciados, análise de conteúdo, e refletir sobre formatos de resultados. A literatura sobre método biográfico é vasta, e a coleta de trajetórias profissionais era um campo que já tinha buscado aprofundar em outro projeto (Cachado, 2017), coletas que têm a vantagem de conter dados específicos em uma só entrevista, sem descartar a possibilidade de, por vezes, realizar mais de uma entrevista. Para as entrevistas, fiz análise de conteúdo de acordo com um conjunto de categorias pré-determinadas, às quais acrescentei outras que foram surgindo ao longo da própria análise.

Ao longo da pesquisa, o investimento no diário de campo tem sido, até agora, modesto, mas mantenho registros escritos que complementam as transcrições das entrevistas gravadas. Nesses registros, e nas transcrições, é notável a recorrência da ideia de envolvimento político em suas pesquisas.

Ao questionar meus interlocutores, perguntei especificamente sobre o seu tipo de envolvimento, de engajamento, nas pesquisas que realizam ou realizaram.

De facto, a literatura aponta para uma abordagem relativamente plural do conceito de engajamento. Bennett e Segerberg distinguem entre engajamento público e engajamento pessoal, sendo este último uma “expressão das reivindicações e expectativas pessoais e do estilo de vida”⁴ (Bennett e Segerberg 2012). Já Silva e Ruskowski sugerem um modelo de análise para o engajamento que inclui as dimensões disposicional, identitária, relacional e retributiva, embora os atores sociais engajados não necessariamente experimentem todas essas dimensões (Silva e Ruskowski 2016).

Seguindo esses dois elementos introdutórios e após a justificativa da pesquisa e seu enquadramento metodológico, o artigo prossegue com a apresentação do grupo em estudo e com o tipo de pesquisas às quais eles e elas se dedicam, para posteriormente refletir e analisar um elemento central encontrado em muitas das pessoas envolvidas, que é o engajamento junto aos grupos que meus interlocutores conhecem de perto em suas pesquisas.

Práticas de pesquisa na etnografia urbana no contexto português

O grupo de pessoas que entrevistei por meio de entrevistas semi-dirigidas e gravadas em áudio foi entrevistado ao longo de cinco anos, entre diferentes projetos. O tempo longo dessa pesquisa permitiu vivenciar e testemunhar trajetórias variadas: observei a precarização contínua de muitos dos entrevistados, mas também ao acesso a uma “carreira” ou “posição” no meio acadêmico por parte de alguns deles. Presenciei ainda a mudança de algumas das temáticas em seus projetos, alterações no trabalho em equipe, e mudanças em suas vidas, como trocas de residência e cidade, divórcios e nascimentos. Apesar da diversidade de percursos, existem várias características que aproximam esses entrevistados não só entre si, mas também de grupos de pesquisadores de outras áreas científicas. Assim, antes de passar às práticas de pesquisa que singularizam este grupo, é importante notar que eles, como outros cientistas portugueses, independentemente da área de estudo, compartilham duas características comuns: uma relacionada à situação profissional - a maioria dos meus interlocutores é precarizada, apesar de ter concluído o doutorado há cerca de 10 anos ou mais, o que é uma situação comum atualmente (Ferreira, 2023), mas cabe dizer que, apesar disso são todos brancos e com um nível socioeconômico suficientemente estável para suportar os períodos de maior precariedade profissional; e outra, ligada ao tipo de internacionalização do seu trabalho - promovem relações internacionais de trabalho preferencialmente com o Estado Espanhol e com o Brasil, e com outros países ligeiramente menos representados em suas redes de trabalho, como França, Estados Unidos e Itália, o que coloca a Etnografia Urbana em Portugal em linha com muitas outras áreas disciplinares (Fiolhais et al., 2013).

Quanto às características que distinguem, mas não singularizam, os sujeitos com quem venho interagindo, uma delas é a reflexão sobre e a prática da multidisciplinaridade. Nem todos os sujeitos são antropólogos, nem necessariamente mais sensíveis à prática de pesquisas empíricas etnográficas em geral e à etnografia em particular; pelo contrário, as disciplinas de “origem” se multiplicam, especialmente no contexto das ciências sociais e humanas. Além das áreas mais óbvias como Antropologia, Sociologia, Estudos urbanos, História, Geografia, encontramos também Arquitetura, apenas para mencionar as

⁴ Tradução feita pela autora. No original “as an expression of personal hopes, lifestyles, and grievances.”

áreas científicas donde provêm os sujeitos de pesquisa. No entanto, o leque poderia se estender à Literatura, Ciência Política, Filosofia, Serviço Social, entre outras.

Além da formação de base ou complementar, a multidisciplinaridade é compreendida nesta pesquisa de duas formas: pela reflexividade dos sujeitos sobre a sua prática e, ao experimentá-la na prática, encontramos uma dupla tentativa – através da convivência conceitual entre disciplinas, mais comum, ou através dos apetrechos metodológica específica da etnografia. Ou seja, em muitos casos, a raiz científica se mantém, sem grandes mudanças, apesar do acesso cada vez mais plural às publicações de várias disciplinas; entretanto, a coleta empírica, centrada na pesquisa etnográfica, serve como catalisador, permitindo um diálogo mais intenso entre diversas disciplinas.

Em especial, os não antropólogos se confrontam com a literatura metodológica da antropologia e, dessa forma, fazem interagir sua disciplina de origem com a antropologia. Este é um gesto que não é feito de maneira leviana pelas pessoas entrevistadas. Pelo contrário, embora estejam convencidoa de ter escolhido a metodologia adequada, surge alguma insegurança ontológica nessa escolha. De fato, o labor etnográfico, para os antropólogos, é uma das raízes fundadoras da identidade antropológica e segue um conjunto de requisitos que continua sendo relevante (e.g. Uriarte, 2012). Dito de outra forma, importa ser exigente com a clarificação da abordagem metodológica, bem suportada teoricamente (v. Cardoso *apud* Pais, 2017). Mas é justamente essa insegurança que provoca o diálogo entre disciplinas, pois buscam bibliografia complementar, formação específica na área e interação com colegas sobre suas experiências, o que os ajuda no gesto etnográfico. Em várias entrevistas foi mencionado como procuraram ajuda junto a antropólogos para encontrar bibliografia adequada, bem como são participaram de cursos específicos em etnografia, desenho etnográfico e sessões em cadeiras de metodologias qualitativas.

Vale destacar que a multi- e a interdisciplinaridade, contudo, não são exclusivas desse campo disciplinar/metodológico, Etnografia Urbana. Para dar um exemplo do caso português, excluindo os estudos urbanos, mais abertamente interdisciplinares, a Antropologia portuguesa dialoga fortemente com a História (mas também com a Sociologia).

Em relação às temáticas exploradas nas pesquisas, elas não se afastam dos principais temas da Escola de Chicago, ou seja, há afinidade com os temas clássicos: moradia, migrações para as cidades e aspetos socioculturais específicos de populações que constroem e contribuem para o funcionamento urbano em todas as suas dimensões. Além desses, ou incluídos neles, educação, juventude, festividades, etnicidade e outras formas identitárias, pobreza e desigualdades sociais, história urbana e arquitetura.

A exploração destas temáticas hoje implica uma adequação, ou conjunto de adequações, ao tempo presente. Encontramos desde investigadores que já viviam na cidade onde realizam suas pesquisas (algo não novo se considerarmos a Escola de Chicago), mas o fato de habitarem as cidades, ou suas proximidades, onde desenvolvem seus trabalhos, pode influenciar a forma como interagem no campo. Se antes um gesto etnográfico se caracterizava por uma entrada saída do campo, a investigação urbana com abordagem etnográfica parece implicar uma entrada, mas nem sempre uma saída após as publicações. As relações de intersubjetividade se mantêm e se prolongam. Contudo, essa suposta característica também não é necessariamente exclusiva da pesquisa científica que inclui análise dos contextos urbanos envolvidos nessas pesquisas. Ainda assim, como veremos adiante, esse não desligamento do campo se aproxima da ideia de engajamento periférico (Falanga e Alves 2019), se não mesmo do ativismo acadêmico.

Perfis de co-implicação

Embora o conceito de engajamento seja suficientemente rico, tomei de empréstimo a ideia de co-implicação da filósofa Marina Garcez (2008)⁵ que revisita Merleau-Ponty e outros filósofos em suas considerações sobre o “eu” e o “nós”. Co-implicação não é propriamente um conceito metodológico, mas uma ideia ilustra bem o facto de muitos pesquisadores, hoje em dia, se envolverem profundamente nas situações vividas pelas pessoas com quem trabalham, ou seja, seus interlocutores. Está implícita aqui uma ação política no seu sentido mais amplo, em que toda ação é política – ou seja, consciente ou inconsciente do contexto social em que está inserido, o sujeitos e suas ações têm efeitos nesses contextos.

Na minha pesquisa, tem sido frequente observar a implicação dos académicos em seus campos, junto às pessoas que compartilham informações valiosas para seus projetos. Junto das igualmente úteis noções de engajamento, ação-participação, colaboração, etnografia colaborativa, investigação-ação participativa e participação radical, a co-implicação também se mostra significativa. Viviane Parody (2022) aborda esses diversos conceitos para enquadrar pesquisas contemporâneas em contextos racializados e explica que a etnografia participativa está associada a práticas etnográficas coletivas, sendo vista até como um ato de cidadania (Parody, 2022, com Lassiter, 2005) enquanto a pesquisa-ação participativa inclui um processo ativo de autonomia das pessoas participantes, e participação envolve um nível mais complexo de envolvimento, incluindo a inserção no grupo e a colaboração em suas ações políticas.

Ademais, nesse texto, Parody apresenta uma bibliografia extensa e atualizada, interessante para uma melhor compreensão das variantes da etnografia com graus diversos de participação. A autora dá conta de como a tradição colaborativa é antiga na Antropologia; a própria metodologia etnográfica contém, no ganho de confiança mútua (Pina-Cabral 2013), a ideia de colaboração.

Embora esses termos façam sentido no contexto sul-americano, em Portugal, embora a participação nos processos políticos dos sujeitos de uma pesquisa etnográfica seja cada vez mais urgente, mais refletida e com variantes (v. e.g. Alves e Falanga, 2019), os termos “engajamento” e “co-implicação” parecem fazer mais sentido para descrever aqueles que praticam etnografia urbana em Portugal de modo geral, e em particular as pessoas de quem falarei em seguida.

Ao contactar alguns dos meus interlocutores e interlocutoras para encontrar perfis de implicação na etnografia urbana em Portugal, apresentei-lhes, como ponto de partida, uma sugestão de descrição do seu perfil, em um texto onde expus como vejo a configuração do seu envolvimento co-implicado nos seus campos de pesquisa.

A proposta foi enviada por e-mail, contendo uma breve introdução sobre essa intenção, baseada na necessidade de elaborar uma apresentação para um congresso, acompanhado de uma sugestão de mini-perfil. Em resposta, as pessoas contactadas forneceram suas considerações. Foram quatro pessoas, todas muito próximas, amigas além de colegas, que responderam prontamente. Uma concordou plenamente com o texto proposto sem necessidade de mudanças; duas sugeriram alterações conforme sugerido; e outra teve uma interação um pouco mais aprofundada, discutindo por telefone e propondo outra elaboração para o seu perfil. Refletindo sobre este gesto e os tipos de resposta, não considero que essas diferentes atitudes devam ser interpretadas como mais ou menos significativas relativamente à

⁵ Ouvi sobre este conceito pela primeira vez por Paula Godinho, antropóloga que participou no evento “Usos da Memória” do ciclo “História na esfera pública”, em 2022, <https://ihc.fcsh.unl.pt/events/usos-memoria/>.

minha interação com cada uma delas, mas sim como práticas de trabalho, por exemplo, na forma como respondem a e-mails, ou a textos pensados de alguma forma em colaboração com colegas próximas.

Em termos de uma caracterização simples, as pessoas selecionadas situam-se, ou aceitam como prioritária, a interação disciplinar entre a Sociologia e a Antropologia no contexto da Etnografia Urbana em Portugal. Assim, Lígia Ferro, Inês Pereira e Otávio Raposo têm em comum a graduação em Sociologia, enquanto Graça Cordeiro fez todo seu percurso em Antropologia. No contexto dos seus doutorados, todos completaram a formação em Antropologia (Urbana, em três casos). Atualmente (outubro de 2024), Lígia Ferro, doutorada em 2011, é professora auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade do Porto desde 2019; Graça Cordeiro doutorou-se em 1996 no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa e é professora associada do mesmo instituto; Otávio Raposo doutorou-se em 2013 e é pesquisador integrado do CIES, Centro de Investigação e Estudos de Sociologia do Iscte-IUL; e Inês Pereira doutorou-se em 2009 e é Professora auxiliar convidada. Vale dizer que Inês e Otávio ainda se encontram em situação de precariedade acadêmica apesar da antiguidade de seus doutorados e da constante produção e contribuição acadêmica. Inês Pereira é reconhecida especialista em ética na pesquisa em ciências sociais, mantendo colaboração ativa em vários projetos, embora não siga o padrão de produção acadêmica que se tornou comum, registrando um número moderado de publicações. Otávio Raposo participa e coordena projetos desde o fim do doutorado, destacando-se na área das artes urbanas e juventude, sendo também professor auxiliar convidado em várias disciplinas.

As suas teses de doutorado abordaram temas que, começando com Graça Cordeiro, incluíram o estudo de um “bairro histórico” em Lisboa e a importância das coletividades locais, contribuindo de forma única para a história contemporânea da cidade (Cordeiro 1997); sobre o Hip-Hop, especificamente o Graffiti em Lisboa, Barcelona e Nova Iorque, e também sobre o Parkour (Ferro 2016) e sobre o papel do Break Dance em uma favela carioca (Raposo 2013); e biografias de ativistas em movimentos sociais (Pereira 2009).

Graça Cordeiro destaca-se neste grupo, pois inaugurou o campo da Antropologia Urbana em Portugal e contribuiu singularmente para o estabelecimento de redes, apresentando e trabalhando com as pessoas que realizam ou realizaram pesquisas usando a etnografia urbana (Cachado 2022) e facilitou, inclusive, o contato entre as demais pessoas aqui mencionadas e a própria autora.

Os quatro perfis

A proximidade profissional e cotidiana entre as pessoas selecionadas é notável em alguns pontos-chave de seus currículos. Essa proximidade é visível, por exemplo, no investimento em participar de congressos nacionais das associações de Antropologia e de Sociologia, embora nem sempre de forma sistemática, mas de maneira constante e planejada. Também se destacam na organização de painéis nesses congressos, em congressos europeus e em eventos fora da Europa, com uma especial presença no Brasil. Além disso, é frequente a participação conjunta em projetos, onde duas ou mais dessas pessoas integram a mesma equipe; o que resulta em colaborações na organização e na produção de livros e capítulos decorrentes desses projetos. Outro aspecto que reforça essa proximidade são os convites para ministrar sessões em disciplinas lecionadas por colegas. Finalmente, fazem toda parte da Rede de Etnografia Urbana (ETNO.URB), que atualmente reúne quase 50 pesquisadores e pesquisadoras.

Poderia ter sido selecionadas outras pessoas para explorar a noção de co-implicação. Em 24 entrevistas realizadas especificamente para esta pesquisa sobre etnografia urbana em Portugal, identifiquei que pelo menos 16 pesquisadores se encaixariam nesse perfil co-implicado. Contudo, escolhi concentrar-me em um pequeno grupo, considerando o tempo disponível para todos e pela familiaridade que facilita o acesso a informações adicionais além da investigação central.

É relevante notar que várias das pessoas não contactadas para colaborar na produção dos perfis também compartilham dessa caracterização e fazem parte das minhas redes de amizade. Porém, considerando os tempos profissionais delas e o meu, optei por uma seleção que, embora possa ser expandida futuramente, não busca uma representatividade clássica, mas sim identificar pontos de análise significativos.

Inicialmente, hesitei entre apresentar as duas versões dos perfis – a primeira, escrita por mim, e as versões modificadas – para que fossem visíveis as alterações. No entanto, optei por apresentar apenas as versões modificadas e acordadas com cada participante, ou mantidas na versão inicial. Para respeitar a privacidade e as preferências individuais, não revelei quem solicitou alterações e quem aceitou integralmente a primeira versão. Apenas os nomes das pessoas participantes são mencionados no início, com a sua concordância.

A descrição dos perfis visa registrar a dimensão da co-implicação, mas também permite considerar as suas publicações, que nem sempre refletem diretamente seus tipos de engajamento ou co-implicação. Por isso, incluí algumas referências aos seus trabalhos ao longo dessas descrições, para melhor contextualizar.

Lígia Ferro

Através de várias vertentes, nomeadamente no desenvolvimento do doutoramento, desenvolve uma perspectiva de co-implicação em vários sentidos: no sentido metodológico sobre as culturas urbanas do parkour e do graffiti (v. Ferro, 2016); no sentido do envolvimento social – a participação na organização de reuniões sobre graffiti e arte urbana no Bairro Alto em Lisboa; a participação em projetos que visam um contributo para diminuir as desigualdades sociais; a participação em um projeto no Bairro da Flamengo, Chelas (Lisboa) de intervenção comunitária associada à redução de riscos e minimização de danos no consumo de substâncias psico-ativas (v. Ferro et al., 2014).

Tem, de resto, um perfil participativo na vida académica associativa (cargos diretivos na direção da Associação Portuguesa de Sociologia e na Associação Europeia de Sociologia, sendo a atual presidente da direção). Importa referir sumariamente o projeto de co-criação “Travessia”, envolvendo sociólogas, fotógrafas e curadoras, que consistiu em explorar a comunidade africana residente na cidade do Porto através de uma abordagem etnográfica e aplicando tecnologias digitais para comunicação à distância, nomeadamente com curadora e fotógrafa baseadas em Atenas e Nova Iorque, em contexto de pandemia. Deste projeto resultou uma exposição de fotografia no âmbito da Bienal de Fotografia do Porto, organizada a partir do processo de co-criação com a comunidade.

Procura, nas orientações de dissertações e outras iniciativas científicas, estimular processos de pesquisas que integrem os e as interlocutoras não como objetos, mas como sujeitos de pesquisa (v. e.g. Lacerda, 2022).

Otávio Raposo

Em entrevista salientou algo que me chamou a atenção também para outras entrevistas, o facto de ser um pesquisador, tal como muitos e muitas outras o referiram, de formas diferenciadas, que não está limitado à investigação académica, antes dedica também uma parte das suas energias ao ativismo. Por isso, em suas investigações, o que motiva o seu ativismo/militância política é a luta contra as injustiças e/ou por justiça social. Dificilmente se abstém de trazer o olhar e a perspectiva de seus interlocutores de forma que os leitores, e espetadores, uma vez que também faz documentário, percebam com clareza que além de atores sociais em si, têm uma palavra a defender, reivindicações, posicionamentos políticos. Assim, os seus vários documentários⁶, feitos por vezes com interlocutores que já eram seus amigos ou que se tornam amigos por via do ganho de confiança adquirido durante as abordagens etnográficas, mostram o lado reivindicativo das pessoas, associadas a práticas e a lugares urbanos, quase sempre com a juventude como pano de fundo analítico (v. Raposo, 2023). Entre as práticas, destaca-se a cultura do hip hop, ao nível do rap (no bairro da Arrentela, Seixal, Grande Lisboa, no mestrado), do break dance (numa favela no Rio de Janeiro), e da arte urbana controlada, da pintura de fachadas num bairro de habitação social, Quinta do Mocho, no concelho de Loures, que faz fronteira com Lisboa.

Recentemente participou na organização do dossiê da Revista Ponto Urbe “Estéticas insurgentes e artistas: reflexões sobre cidades em disputa” (Raposo et al., 2023), apenas um exemplo da dedicação à própria temática do ativismo.

Inês Pereira

Dedicada à docência na última década, o seu doutorado versou sobre participação na cidade, mais concretamente sobre movimentos sociais, tendo contribuído para o mapeamento dessa participação no final dos anos 2000 e para a compreensão sobre trajetórias de vida dos sujeitos participantes na pesquisa (Pereira 2009), de resto constituindo uma singular tese de doutoramento centrada naquilo a que chama “biografias de envolvimento”, que aqui pode ser entendido como engajamento político dos atores sociais. Aliás, é acérrima defensora da ideia de *sujeitos* de pesquisa e totalmente contra a ideia de *objeto* de pesquisa, não apenas nos últimos anos, em que estes debates têm sido mais presentes na pesquisa, mas ao longo do seu percurso enquanto investigadora. Os seus projetos falam, pois, por si, e o projeto que desenvolveu no âmbito de uma bolsa de pós-doutorado se debruçou precisamente sobre ativistas digitais, tendo vindo a participar em projetos de equipa na mesma área de estudo, produzindo literatura na área dos movimentos sociais (Juris et al., 2012).

Graça Cordeiro

A sua co-implicação parece estar sobretudo associada à sua pesquisa atual, etnográfica, histórica e sociolinguística sobre processos de discriminação no interior da diáspora portuguesa da Área Metropolitana de Boston (Cordeiro 2022), se envolvendo nesse processo de visibilização de certas minorias e tomando esse mesmo processo como processo de pesquisa. Além disso, no ensino e na

⁶ Os documentários mais reconhecidos são Nu Bai. O Rap negro de Lisboa, 2007, 60'; ImigraSom, 2015, 42'; A Galera, 2017, 47'; Na Quinta com Kally, 2019, 27'

pesquisa, Graça tem um envolvimento ativo na divulgação da Antropologia Urbana em Portugal, contribuindo ao longo dos anos para que esta disciplina se mantenha ativa neste país.

Escreveu-me a propósito, “pensando nas minhas atividades de cidadania, acho que não tem forçosamente de ser ao lado do ensino e investigação, pode fazer parte disso, nem tem de ter a ver com implicações político-partidárias... A defesa dos direitos humanos faz parte do nosso trabalho de antropólogas, e está presente na forma como ensinamos e nas escolhas que fazemos na investigação”.

E ainda, “dar voz a quem não tem voz é aquilo que mais me motiva, e que está presente no meu recente interesse pela diversidade da língua portuguesa, atravessada por ideologias nacionalistas e de classe. Sendo antropóloga, não é tanto o plano nacional ou regional desta diversidade, mas sim o plano individual dos falantes que são discriminados por falarem variantes não reconhecidas como tal – como as que se falam em contextos de diáspora – ou, no caso de Portugal, por falarem portugueses diferentes do português-padrão de Portugal, por muitos considerados a língua mãe [v. Cordeiro e Formato, 2022]. Processos de comunicação que são profundamente identitários e acontecem em contextos urbanos, multilingues e multiculturais”. Também refere como sendo importante neste domínio, o seu “passado de organizadora de cursos” de mestrado e doutoramento.

O percurso biográfico profissional de Graça Cordeiro tem sido salientado em entrevistas publicadas (v. e.g. Frúgoli et al. 2014) e outros textos de síntese biográfica (Cachado 2022), onde fica evidente a sua dedicação à promoção da Antropologia Urbana e promoção das redes de pesquisa internacionais e ainda do reconhecimento do trabalho produzido pelos pesquisadores destas redes de trabalho.

Essas descrições evidenciam a maneira como cada um dos pesquisadores selecionados integra o conceito de co-implicação em suas práticas, reforçando o vínculo entre a pesquisa acadêmica e a atuação social e política.

Notas conclusivas. Em que ficamos? Engajamento ou co-implicação?

Se uns se encontram intencionalmente fazendo pesquisa co-implicada, outros retratam as realidades urbanas sobre as quais escolheram estudar, integrando as lutas que estão acontecendo. Ao se ocuparem de populações de alguma forma desfavorecidas ou acumulando mais de uma desigualdade social (de gênero, idade, segregação espacial, pobreza, imigração e seus desafios linguísticos, etc), contribuem para retratar realidades sociais que, percebemos através de seus trabalhos, mostram sujeitos, atores sociais atuantes sobre suas condições, resistindo e reivindicando.

É certo que entrevistei mais pessoas que fizeram as suas pesquisas na área da habitação, incluindo a questão do direito à moradia. Por isso, levando em conta o crescente interesse acadêmico pela temática, especialmente devido à acumulação de desigualdades que se fazem sentir, e pela pressão fundiária nas grandes cidades, encontramos situações das quais é difícil manter uma posição abstrata ou mais distanciada (v.e.g. Portelli & Tschoepe, 2020).

Essas situações, talvez mais evidentes nos estudos especificamente urbanos, revelam um maior envolvimento por parte dos pesquisadores e pesquisadoras nas lutas de seus sujeitos de pesquisa. Será então este maior envolvimento nas lutas das populações é resultado do trabalho etnográfico concentrado nas áreas de residência das pessoas pesquisadoras? Ou seja, não voltarem para casa (mesmo quando a

deslocação geográfica é grande, nas últimas décadas e especialmente nos últimos anos, a proximidade é maior através de novas tecnologias, tanto de mobilidade como de comunicação), a investigação está sempre próxima da ação em andamento.

Além disso, o facto de a universidade estar, nas últimas décadas, aberta a mais classes sociais, faz com que haja muitos e muitas pesquisadoras que não vivem no centro das cidades, mas vêm dos mesmos lugares que seus sujeitos de pesquisa, ou semelhantes. Melhor dizendo, vêm de todos os lugares.

Heitor Frúgoli (2016) menciona que a cidade, em sua pesquisa, “exige uma atenção especial sobre o modo como se apreende a alteridade e a diferença.” Levando em conta a bibliografia convocada pelo autor no artigo mencionado, é evidente a importância da pesquisa sobre situações que retratam desigualdades. No Brasil, as pesquisas engajadas, co-implicadas, etc, são um caminho frequentemente trilhado na área da antropologia urbana e, mais em geral, por pesquisadores que utilizam etnografia urbana para compreender melhor a cidade. No contexto português, esse mesmo engajamento ocorre mais recentemente, especialmente no contexto das análises sobre políticas de habitação e imigração, profundamente ligadas ao acesso à cidade. O mesmo autor se refere a Mariza Peirano (Frúgoli, 2018, sobre Peirano, 1999), para sublinhar a ideia de que, nos contextos urbanos, há uma impossibilidade de não ver as relações assimétricas. Não é que em outros lugares não haja essa mesma impossibilidade, mas, por hipótese, ela está mais evidente nos contextos urbanos.

Ainda no contexto brasileiro, Renata de Sá Gonçalves menciona que os profissionais da antropologia urbana brasileira “têm atuado de forma engajada” (Gonçalves, 2018: 68-69); Ana Rocha e Cornelia Eckart falam até da própria antropologia como uma ciência mais sensível ao engajamento político (Rocha e Eckart, 2009: 21) e, nesse mesmo sentido, Elisa dos Santos (2021: 42) cita Krenak (1994) para sublinhar a ideia de que o engajamento é algo necessário no trabalho etnográfico, uma vez que estamos no terreno como estrangeiros. Se, no contexto português, essa dimensão parece ser mais recente, ela entrou com força, precisamente, através das redes de contacto com o contexto académico brasileiro, tanto na antropologia em geral quanto no campo da etnografia urbana em particular.

Neste artigo, trouxe a hipótese de juntar a ideia de co-implicação ao vocabulário do engajamento académico. O que parece ser relativamente novo nos últimos anos não é específico dos estudos urbanos, mas sim de uma percepção de si mesmos enquanto pesquisadores que passa também pela cidadania em vários níveis. O sujeito académico pesquisador não é mais apenas um pesquisador que retrata e analisa uma determinada realidade social à luz de determinadas premissas; é também um sujeito envolvido com outros sujeitos, é um sujeito político, não necessariamente politizado, mas envolvido, que olha para seus interlocutores, sujeitos de pesquisa, para convocar a expressão de uma das entrevistadas (Inês Pereira), não como iguais, mas como potencialmente iguais, no sentido de, voltando a Garcez (2008), um “nós”, e não de um “eu” académico e um outro estudado.

Referências

- ATKINSON, Paul. Rescuing Autoethnography. *Journal of Contemporary Ethnography*, n. 35 (4), p. 400-404, 2006.
- CACHADO, Rita. Graça Índias Cordeiro. CARMO, A. ASCENSÃO, E. **Espaço, lugar e território: pensadores contemporâneos de língua portuguesa**. Porto, Afrontamento, pp. 129-138. 2022. ISBN 9789723619638.
- CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociologia & Antropologia*, 11(2), pp. 551-572. 2021, <https://doi.org/10.1590/2238-38752021v11n28>
- CACHADO, Rita. Urban Ethnography, an interdisciplinary field of Knowledge? *Revista Diálogos Possíveis* 19(1), pp. 125-139, 2020. Disponível em <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/21432>> Acesso em 30 Ago 2023
- CACHADO, Rita. Beyond Martim Moniz. Portuguese Hindu Gujarati merchants in Lisbon. *Etnográfica*, 21 (1), pp. 203-220. 2017, <http://etnografica.revues.org/4871>
- CALDEIRA, Teresa P. D. R. Desigualdade e legitimidade Problematizando a produção de conhecimento social. *Tempo Social*, 33(03), pp. 21-45, 2021
- CARPENTER Juliet, Patrícia Pereira, Oliver Dlabac & Roman Zwicky. «Urban interventionism» in welfare and planning: National typologies and «local cultures» in Europe. *Journal of Urban Affairs*, 44:7, pp. 1019-1038, 2022. DOI: [10.1080/07352166.2020.1770604](https://doi.org/10.1080/07352166.2020.1770604)
- CORDEIRO, Graça I. Belongings and Interactions: Negotiating Portuguese-Speaking Identities in Boston. *Portuguese Literary & Cultural Studies* 26, pp. 111-126. 2014b.
- CORDEIRO, Graça Índias, and Giuseppe Formato. Tensões e contradições do português em contextos de diáspora: Narrativas etnográficas e confessionais na área metropolitana de Boston. *Trabalhos em Linguística Aplicada* 61, pp. 733-746. 2022.
- DELAMOND, Sara. ATKINSON, Paul. PUGSLEY, Lesley. The concept snacks of magic: Fighting familiarity today. *Teaching and Teacher Education* 26(1), pp. 3-10. 2010. Disponível em <<https://doi.org/10.1016/j.tate.2009.09.002>> Acesso em 20 Ago 2023.
- DLABAC Olivier, Roman Zwicky, Juliet Carpenter & Patrícia Pereira. Towards the ‘just city’? Exploring the attitudes of European city mayors. *Urban Research & Practice*, 15:2, pp. 215-238. 2022. DOI: [10.1080/17535069.2020.1739323](https://doi.org/10.1080/17535069.2020.1739323)
- ELLIS, Carolyn e Arthur BOCHNER. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity Research as Subject. IN: DENZIN, N.K. e I.S. LICOLN (orgs.). *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, Sage, 2000, pp. 733-768.
- FERREIRA, Ana. **Nós Somos os Rankings!** Precariedade, reflexividade e ação social na academia neoliberalizada. Coimbra, Almedina, 2023. 224 p., ISBN 9789894013051.
- FERRO, Lígia, **Da rua para o mundo. Etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour**, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais. 2016. ISBN 9789726713784

FERRO, Lúgia, Pedro Oliveira, Sara Trindade e Susana Peixoto (2014), “Vive o bairro!” A intervenção comunitária como ferramenta da redução de riscos e minimização de danos na Matriz H do Bairro da Flamenga. **Fórum Sociológico**, vol.25, pp. 63-72.

FIOLHAIS, C. SIMÕES, C. MARTINS, D (Eds). **História da Ciência Luso-Brasileira. Coimbra entre Portugal e o Brasil**. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. 301 p. ISBN 9789892605623.

FONTANA, Mónica Zoppi. “Lugar de fala”: enunciação, subjetivação, resistência. **Revista Conexão Letras**, n. 12(18), 2018. Disponível em <<https://doi.org/10.22456/2594-8962.79457>> Acesso em 15 Mar 2023.

FREITAS, Thayanne Tavares. RIBEIRO, Djamilá. O que é lugar de fala?. **Horizontes Antropológicos**, 54, 2019. Disponível em <<http://journals.openedition.org/horizontes/3565>> Acesso em 25 Jan 2023.

FRÚGOLI JR., Heitor. ADERALDO, Guilherme André. ESTRADIOTE, Weslei. Antropologia Urbana (em língua) portuguesa: entrevista com Graça Cordeiro. **Revista de Antropologia** 57(2), pp. 449-484, 2014.

FRÚGOLI Jr., Heitor. Pesquisas etnográficas e vivências: um olhar sobre a cidade de São Paulo. **Ponto Urbe** [Online], 18 | 2016, posto online no dia 31 julho 2016, consultado o 11 setembro 2023. URL:<http://journals.openedition.org/pontourbe/3087>; DOI:<https://doi.org/10.4000/pontourbe.3087>

GARCEZ, Marina. Cómo poner el yo en plural? **Eikasia. Revista de Filosofia**, 21, pp. 57-71.

JURIS, Jeffrey S., Pereira, Inés., & Feixa, Carles. La globalización alternativa y los 'novísimos' movimientos sociales. **Revista del Centro de Investigación. Universidad La Salle**, 10, 37, pp.23-39 2012. [Consultado: 12 de Septiembre de 2023]. ISSN: 1405-6690. Disponible en : <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=342233328002>

LOFLAND, John e Lyn LOFLAND. **Analysing Social Settings. A Guide to Qualitative Observation and Analysis**. Belmont, California: Wadsworth Publishing Company, 1995. ISBN-10: 9780534528614.

MONTEIRO, Ana Beatriz Lacerda. **Pela descolonização da cidade**. Redes e experiências urbanas das comunidades africanas e afrodescendentes do Porto. Tese (Mestrado) Sociologia, Universidade do Porto, 2022.

PAIS, José Machado. A captação do social e as armadilhas do método: aprendendo com Ruth Cardoso e o seu jeito de ser. **Análise Social** 222, LII (1), pp. 120-138, 2017

PINA-CABRAL, João. The two faces of mutuality: contemporary themes in anthropology. *Anthropological Quarterly* 86 (1), pp. 257-286. 2013.

PORTELLI, S. & Tschoepe, A. Y. Activist’scholar collaborations in times of crisis, and beyond: Reflections on ‘Urban Activism: Staking Claims in the 21st Century City’, **Radical Housing Journal**, 2(2), pp. 193-209. 2020. <https://doi.org/10.54825/CQFN8733>

RAPOSO, Otávio. Street art commodification and (an)aesthetic policies on the outskirts of Lisbon. **Journal of Contemporary Ethnography**, 52(2), 163-191. 2023, <http://dx.doi.org/10.1177/08912416221079863>

REED-DANAHAY, D. (org.). **Auto/Ethnography**. Rewriting the self and the social. Oxford: Berg, 1997. 292p. ISBN 9781003136118.

ROCHA, Ana e Cornelia Eckart, em livro de Pinto e Guazelli 2009 <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/30176/000673630.pdf>

TODOROV, Tzvetan. Knowledge in Social Anthropology: Distancing and Universality. **Anthropology Today** 4(2), pp. 2-5, 1988. Disponível em <<https://doi.org/10.2307/3033229>. Accessed 7 June 2023> Acesso em 20 Ago 2023.

URIARTE, Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe** [Online] 11. Disponível em <<http://journals.openedition.org/pontourbe/300>>. Acesso em 30 Ago 2023

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. IN: NUNES, E.O. (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978, p. 123-132.